



CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

DUILIO DA SILVA OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM *MAR MORTO* E
*FOGO MORTO***

Guarabira - PB

2011

DUILIO DA SILVA OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM *MAR MORTO* E
*FOGO MORTO***

Monografia apresentada, em cumprimento aos requisitos
para obtenção do grau de Licenciado em Letras, à
Universidade Estadual da Paraíba – Campus III

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Suely da Costa

Guarabira – PB

2011

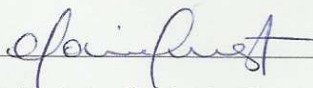
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

O48r	Oliveira, Duilio da Silva A representação do feminino em Mar morto e Fogo morto / Duilio da Silva Oliveira. – Guarabira: UEPB, 2011. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba. “Orientação Prof. Dr. Maria Suely da Costa”. 1. Mulher 2. Literatura 3. Poder I. Título 22.ed. 305.4
------	---

DUILIO DA SILVA OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM *MAR MORTO E*
*FOGO MORTO***

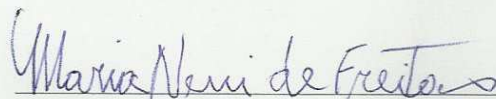
COMISSÃO EXAMINADORA



Profª Drª Maria Suely da Costa (UEPB – Orientadora)



Profª Drª Rosilda Alves Bezerra (UEPB)



Profª Drª Maria Neni de Freitas (UEPB)

Aprovada em 07 de dezembro de 2011

Guarabira – PB

2011

Dedico este trabalho a meus pais, José e Lúcia, que sempre me incentivaram nos estudos e nunca deixaram com que meus sonhos fossem ignorados.

Agradecimentos

A Deus pela força que nunca me deixou sucumbir diante dos desafios da vida.

A minha família que sempre esteve do meu lado em todos os momentos da minha vida.

A minha turma, diurna e noturna, onde encontrei pessoas amigas e companheiras que na hora do desânimo sempre um ajudava o outro a superar os desafios.

A todos os professores que de maneira direta ajudaram na minha formação acadêmica através de suas aulas e projetos.

A UEPB que possibilitou minha formação acadêmica através de um corpo docente excelente e projetos de grande relevância.

A prof^a Dr^a Suely Costa pela paciência e dedicação na elaboração desse trabalho e durante todo percurso acadêmico.

A todos que estiveram torcendo pelo sucesso desse trabalho.

A liberdade não é uma palavra vã. (...) sua conquista é o caminho crítico da construção de mim, que me leva onde nunca fui, que me afasta daquilo que não serei nunca mais. (SWAIN, 2008, p. 301)

RESUMO

Este trabalho traz uma leitura da representação da figura feminina nas obras *Mar Morto*, de Jorge Amado e *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. A proposta é analisar o discurso do poder, privilégio que o homem sempre possuiu em todos os aspectos sociais, renegando, deste modo, a participação ativa das mulheres, consideradas como meras companheiras e procriadoras. Com base em referenciais teóricos de cunho filosófico, literário e histórico, buscamos, no contexto literário das obras em questão, verificar como as mulheres/protagonistas se empenharam na consolidação de sua força, em meio a ambientes completamente machistas. A partir da leitura de suas atitudes, falas e posicionamentos das personagens, verificou-se que as mulheres começam a se impor em seus ambientes, assumindo postos que antes eram impensados.

Palavras-chave: Discurso. Poder. Mulher. Literatura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A MULHER NO CONTEXTO SOCIAL.....	10
3. <i>MAR MORTO</i> E <i>FOGO MORTO</i> EM CONTEXTO LITERÁRIO.....	15
3.1. O Movimento Modernista.....	15
3.2. <i>Mar Morto</i> : a natureza que seiva.....	17
3.3. <i>Fogo Morto</i> : decadência e transição.....	19
4. A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM <i>MAR MORTO</i> E <i>FOGO MORTO</i>	21
4.1. A mulher Sob a ótica dos outros.....	21
4.2. A mulher como sujeito ativo.....	24
4.3 A morte como quebra de paradigma.....	28
4.4 A força feminina na busca da autonomia	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado “A representação da figura feminina em *Mar Morto* e *Fogo Morto*” vem a apresentar um estudo sobre a questão da mulher e a conquista de um posicionamento ativo nas narrativas em questão, observando a representação de fatores que historicamente dificultaram a presença ativa da mulher em determinados espaços, assim também aqueles fatores que colaboraram para um novo posicionamento destas no meio social. É válido frisar que nosso estudo tem por foco a mulher protagonista das obras *Mar Morto*, de Jorge Amado e *Fogo Morto*, de José Lins do Rego.

O interesse esteve em verificar a força do discurso patriarcal na sociedade e sua influência na vida do grupo fortemente afetado por essa ideologia, o das mulheres, já que o sexo feminino tem sido espelho das práticas excludentes da sociedade vigente. Assim também refletir a respeito do grande salto que a esta deu em relação a sua posição, deixando de ser representada enquanto mera coadjuvante dos espaços masculinos, exigindo seu espaço em um mundo completamente patriarcal.

O presente estudo teve por base as contribuições dos apontamentos teóricos de autores como Coutinho (2002), Ferreira (2002), Leal (1995), Foucault (2009), Beauvoir (1980), dentre outros que fundamentaram as abordagens sobre a questão do poder dos discursos e da participação dos gêneros na aquisição e formação de uma participação ativa e atuação em diversos espaços.

A mulher, até pela sua fragilidade defendida pelo homem, sempre foi a principal vítima do discurso patriarcal, impondo-lhe a posição de meras passivas sociais. Nas sociedades patriarcais, a religião por muitos séculos contribuiu para reafirmação dessa condição de procriadoras e defensoras da casa. Porém, em certas ocasiões, com a abertura dada pelo próprio homem, a mulher consegue atingir espaços abrangentes na sociedade e com isso passa a defender uma posição diante da dominação provocada pelos homens.

A história mostra que, aos poucos, as mulheres começam a se impor e a mostrar que são capazes de fazer e gerir de um modo tal qual ou mesmo superior aos homens em praticamente todos os espaços. Elas começam a lutar pela sua libertação e

a defender de forma bastante forte seus pensamentos e sua ideologia perante o discurso vigente, o discurso patriarcal.

Em vista disso, o propósito é analisar as duas narrativas em questão, de modo comparativo, no sentido de verificar os espaços em que a luta pelo poder acontece, observando de que modo a mulher passa se impor nos mais diversos ambientes, cujo foco esteja atrelado ao espaço do engenho de açúcar e a beira do cais.

Este trabalho está estruturado, em três partes. Na primeira, discorreremos a respeito da questão da influência do discurso patriarcal na sociedade e formação dos ideais femininos na busca de sua emancipação perante o discurso vigente. Na segunda parte, abordamos sobre o modernismo, movimento literário em que se inserem as duas obras objeto de estudo, observando a influência modernista no meio social e artístico e sua contribuição no processo de consolidação da formação literária brasileira. Ainda na segunda parte abordamos as obras analisadas, seus espaços e a estrutura de seu contexto. Na terceira parte, damos enfoque à questão da morte, fator de relevância nos dois textos, discutindo a respeito de seu papel na representação ativa da mulher nos espaços estudados. Em função disso, analisamos o espaço na relação com os discursos e a questão da exaltação do idealismo feminino em meio às amarras concretizadas historicamente pelos homens.

2 – A MULHER NO CONTEXTO SOCIAL

Os estudos históricos dão conta da existência na sociedade da predominância de um só discurso, privilegiado por uma única categoria, que se nomeava simplesmente pelo sexo: O discurso do sexo masculino ou o discurso machista. Este sempre fora sustentado com o propósito de defender o poder que os homens exerciam, em alguns casos ainda exercem, sobre as mulheres e, a partir daí, ter um controle do sexo oposto. Por muito tempo esse ideal imperou, deixando a mulher renegada e tendo papéis bastante determinados: cuidar dos filhos (criação e educação) e da sua casa nos serviços domésticos. Com relação a esse papel que por muito tempo foi de exclusiva responsabilidade da mulher, Leal (1995, p.197) afirma que a mulher era uma “espécie de gerente doméstica, que cuidava de trazer toda a atividade da casa em perfeita ordem” e uma vez tida como propriedade do homem, chefe da casa, essa mulher (esposas e filhas) tinha uma liberdade restrita, do modo mais autoritário possível.

A respeito do discurso de dominação machista, predominante em diferentes sociedades, com pouquíssima reação feminista, é possível constatar que em diferentes culturas e ideologias a mulher sempre foi submetida a uma posição de extrema obediência e controle.

No Cristianismo, Leal (1995, p. 45) afirma que “Deus não chama por Eva e sim por Adão. A rigor, Deus não tem qualquer relação com Eva, teríamos (Deus = Adão) + (Eva = serpente) = (Deus ≠ Eva)”. Mesmo na mitologia, quando muitas vezes a mulher era representada por sereias que atraíam os homens para a morte, percebe-se o quanto esse gênero foi associado a aspectos negativos e como o discurso machista foi enriquecido com todos esses relatos, que, de alguma maneira, fizeram com que a mulher por muito tempo pudesse não questionar tudo aquilo que a ela era destinada.

Foucault (2009), ao enfatizar a força que o discurso provoca em uma sociedade ou mesmo em uma parcela da população, afirma que mesmo o discurso sendo aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo sua ligação com o desejo e com o poder. Neste sentido, a exposição metódica do sexo masculino, fundamentada na religião, no aspecto físico, emocional, entre outros fatores, foi primordial para a aceitação e disseminação desse ideal soberano, até mesmo pela própria mulher, escrava de toda uma ideologia que a oprimia e a

direcionava a ser um sujeito sempre necessitado de cuidados, embora visto como uma ameaça ao discurso dominante.

Sendo assim, um dos efeitos do discurso patriarcal sempre fora de negação ao discurso promovido pela mulher, ou seja, desde o princípio o homem condenou Eva pela culpa do pecado cometido e, deste modo, obscureceu o seu valor ao proporcionar qualquer mudança na ordem. Contudo, segundo Leal (1995, p. 49), Eva teria sido e ainda é uma “verdadeira heroína cultural que, ao romper com a condição paradisíaca, possibilitou a existência humana”. O que talvez justifique, neste caso, o grande temor do homem em perder seu posto, sua função de mandatário e dominador do sexo oposto.

Com efeito, a dominação masculina sempre obscureceu qualquer manifestação ativa da mulher. A história mostra que homens, em função de um ideal conservador, conseguiram ocultar grandes mulheres que apesar de colaborarem intensamente para ajudar seus familiares a solucionar ou criar instrumentos que melhorassem a vida das pessoas, foram ignoradas pelos próprios companheiros, tendo sua colaboração pouco ou nenhum reconhecimento.

Essa violência do silêncio é evidenciada em Dépêche (2008, p. 214) quando enfatiza que:

A história dos homens ignora tantas histórias de mulheres: a irmã de Mozart que compunha e interpretava, ou a esposa de Einstein que fazia todos os cálculos para ele. Os homens não têm palavras para essas mulheres. É uma violência por falta de linguagem.

Essa violência do silêncio junto com a revolta que muitas mulheres tinham em relação ao seu posicionamento na sociedade, as condições de trabalho e a falta de políticas públicas, que lhes garantissem direitos, acabaram por impulsionar a formação de opiniões de muitas mulheres em conquista de uma independência, ou mesmo, uma melhora nas condições de vida social e conseqüentemente a melhoria de sua dignidade feminina em meio a espaços que impossibilitava sua ascensão efetiva, favorecendo, deste modo, somente sua exploração.

A história mostra que, aos poucos, um novo discurso passou a surgir, impulsionado pela revolta de mulheres quanto à negação de seus direitos civis. Luta surgida de uma identidade sexual compartilhada com um grupo que almejava mudar a ótica social no sentido de uma afirmação em ser mulher. Segundo Beauvoir (1980), na

busca por reconhecimento, as mulheres procuravam se desfazer da sua condição infantil¹, para torna-se mulher, com seus direitos e presença ativa na sociedade.

A mulher começa a ditar seu discurso de protesto e independência, mostrando seu potencial que sempre fora camuflado pelos interesses e temor por parte dos homens, que não querendo perder seu posto social e familiar nunca relevava a contribuição significativa daqueles com as quais convivera.

A contraposição da ideologia masculina acontece quando a própria mulher se reconhece e procura se libertar das amarras que seus pais, irmãos e maridos, por tanto tempo, impuseram. Neste momento, deixam de serem meras coadjuvantes na vida dos homens para se transformarem em verdadeiras protagonistas, desviando-se da vontade, muitas vezes, escravocrata de seus homens. Guillaumin (1974, p. 4) afirma que:

(...) as mulheres não são vacas leiteiras (fêmeas), mas um grupo social determinado (as mulheres) sobre as quais sabemos que a característica fundamental é serem apropriadas. E que esta apropriação é enquanto grupo (e não somente enquanto indivíduos inseridos em laços pessoais).

Com efeito, a luta por uma libertação do discurso machista se dá a partir do reconhecimento advindo da própria mulher, do seu reconhecimento como ser que, em conjunto, dar forma uma força capaz de levá-la a um patamar jamais imaginado por ela, muito menos pelos homens. Contudo, para isso, era preciso renunciar os laços afetivos, principalmente da família, que as impedia de emancipar seu discurso.

Nos primeiros anos do século XIX, a mulher já vinha expondo suas opiniões, exigindo seus direitos e denunciando as injustiças sofridas. Percebe-se, neste caso, a agilidade que elas têm de está em constante mudança, ou seja, um ser que muda seu estilo, sua posição social, mas sem nunca deixar de ser mulher, de lutar pelos seus direitos e sua visão de mundo. Talvez seja isso que muitos escritores e intelectuais, por mais que se expressem, não consigam traduzir em palavras a pergunta: O que é ser mulher? Segundo Beauvoir (1980, p. 9), “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” intencionando esse gênero a uma constituição muito além do sexo, elaborado pela civilização que ela pertence.

Observando a luta histórica da mulher por uma atuação ativa na sociedade, verifica-se que provavelmente o ponto que muito tenha colaborado para sua efetivação

¹Referente a posição de dependência com relação a outro ser, no caso da mulher seria a dependência ao homem, tendo sua posição determinada e gerenciada por eles.

tenha sido o fato do discurso patriarcal representar um padrão não inovador, ser uma opinião congelada há séculos, visão esta que com o passar do tempo não foram presenciadas mudanças em suas teorias, consideradas verdades intocáveis.

A percepção da força da mulher não só na família, mas em espaços e instituições privadas e públicas é tão evidente que em muitos casos os homens, que antes eram maioria esmagadora, agora presenciam um número considerado de vagas no mercado de trabalho sendo adquiridas por mulheres, ou seja, aos poucos elas foram e estão conseguindo superar os homens em vários atributos e adentrando em espaços que eram completamente de dominância masculina, mesmo sem deixar de ser mãe, de externar sua sensibilidade feminina.

É evidente que, no processo de luta e conquista de uma certa autonomia por parte da mulher, se inscrevem as contribuições de grandes feministas que durante séculos defenderam a presença do gênero na sociedade, não como mera coadjuvante, mas como sujeito ativo na contribuição por uma sociedade melhor.

Entre as feministas que muito contribuiu para que esse pensamento de autonomia da mulher, socialmente falando, fosse aos poucos concretizado tem destaque a escritora Nísia Floresta. Brandão (1994, p. 11) mostra a visão antipatriarcal que essa autora feminista defendia nos primeiros anos do século XIX.

É impressionante como Nísia Floresta (1809-1885) teve a ousadia de falar em cidadania feminista ainda no início do século passado. É admirável sua postura abolicionista, republicana e feminista, quando nosso país ainda vivia sob uma estrutura colonial e monárquica.

Com efeito, a luta das mulheres para desconstruir a visão patriarcal que defendia sua permanência no seio doméstico, espaço pertencente ao gênero por natureza (GENEBRA, 1999), foi uma busca que, apesar das grandes conquistas desse gênero em várias áreas da sociedade, ainda hoje se trava. Sabe-se que mulher pode adentrar ativamente na sociedade, trabalhar, interagir em diversos espaços, entretanto o espaço doméstico tende a permanecer sob o seu comando, sendo atribuído a elas a responsabilidade de gerir esse espaço, local onde o homem das mais diversas culturas ainda se esquivava a se submeter.

Grandes feministas sempre questionaram esse mal doméstico que aprisiona as mulheres enfocando o lado negativo dessa gerência atribuída exclusivamente à

mulher. Dentre elas, Gebara (1999, p.7), ao abordar a visão patriarcal sobre as mulheres, afirma:

A sociedade patriarcal em que vivemos impõe às mulheres o trabalho doméstico como se “por natureza” esse trabalho lhe fosse atribuído. Da condição nutrie[n]te do corpo feminino, se pensarmos no aleitamento, a sociedade lhe atribui como uma “responsabilidade natural” de não só guardar a prole mas buscar meios para alimentá-la.

Como podemos observar, a dominação machista repeliu, com a ajuda de várias instituições, a participação ativa das mulheres acionando uma grande perda não só para o gênero em si, mas também para a sociedade. O discurso do homem reprimiu, de maneira totalitária, a presença da mulher fora do espaço doméstico, seu espaço natural, fazendo-se superior no espaço social. Mesmo com a conquista do discurso feminino nos últimos séculos conquistando espaços antes inimagináveis a elas, não podemos deixar de observar quantas contribuições intelectuais foram perdidas ou ocultadas por esse tempo de dominação machista na nossa sociedade.

3 – MAR MORTO E FOGO MORTO NO CONTEXTO LITERÁRIO

3.1 – O Movimento Modernismo

Desde a colonização do Brasil até as primeiras duas décadas do século XX ainda se presenciava o predomínio europeu na cultura brasileira, ou seja, mesmo tendo um conjunto de manifestações e ideias para eclodir uma independência cultural, a influência e a força europeia faziam com que vivêssemos dependentes da emanção cultural da metrópole.

O Modernismo surge dessa vontade de exaltação da cultura brasileira, tendo como pontapé inicial a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, em São Paulo, trazendo estilos próprios condicionando aos costumes e manifestações locais ou combinados no jogo dialético, apontado por Antônio Candido (2000), como localismo e cosmopolitismo, cujo ponto central é a presença de um "padrão universal".

Dessa forma, intelectuais que antes acumulavam a cultura trazida da Europa, fixada em seus diversos anos de estudos em países europeus, como Portugal, agora decidem, de uma vez por toda, eclodir esse novo movimento que vem a revolucionar a cultura brasileira, fazendo-se cenário e tendo seus vários lemas abordados, em diferentes contextos culturais do país.

Muitos dos nomes que importaram para o Brasil essa influência europeia, contribuindo para o surgimento desse novo ciclo cultural foram Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, os quais, mesmo antes da Semana de 22, viram esses ideais estéticos expostos na exposição de Anita Malfati em 1917. Esse conjunto de produções contribuiu para eclodir a Semana de Arte Moderna que colocou o Brasil na atualidade das tendências artísticas mundiais.

Após a Semana de Arte Moderna, um conjunto de publicações de livros, manifestos e revistas buscavam consolidar o movimento e suas ideologias. O Modernismo trouxe à tona ideias relacionadas à visão nacionalista da realidade brasileira, onde os autores se propuseram a fundamentar em suas obras a construção de um novo acervo cultural sobre bases nacionais, deixando de lado os “colonizadores” que por muito tempo dominaram a produção cultural do país, com isso, enfim veio a

independência artística. Mais tarde na década de 30 uma nova ficção começava a surgir dividida em duas grandes linhas temáticas: a regional e a psicológica.

A vertente a psicológica da prosa de 30 surgiu com a visão de abranger os problemas referentes à alma, o destino, consciência, ou seja, a indagação interior do homem. Personalidade humana em face de sua própria condição, estudada a partir de suas relações com os outros homens.

Nessa linha temática valorizou-se bastante o imaginário, o sonho e a fantasia formando, desse modo, um espaço não real, porém com bastante conteúdo emocional e uma linguagem bastante metafórica.

Já a vertente regional formou-se da preocupação de descrever a região, de mergulhar na análise das relações vividas no decorrer das interações das pessoas, geralmente um povo humilde, sofrido, do cais, da população de poder ou em decadência abordada em ciclos como o da seca, cangaço, cana-de-açúcar, café, entre outras abordagens que desbravava e mostrava um Brasil de várias caras e estilos diferentes.

No nordeste, se presenciou um grande espaço para os romances de 30, cuja colaboração de Gilberto Freyre, sociólogo que introduziu um movimento realçando as especificidades da região nordeste, foi de grande referência para que outros autores como Graciliano Ramos e José Lins do Rego seguissem nesse viés regional. Gilberto Freyre realça o regional ao enfatizar a grande riqueza cultural presente nessa região, como podemos presenciar no trecho em que o referido crítico, Gilberto Freyre, transcreve essas afirmações:

A verdade é que não há região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores. [...] Como se explicaria, então, que nós, filhos de região tão criadora, é que fôssemos agora abandonar as fontes ou as raízes de valores e condições de que o Brasil inteiro se orgulha ou de que se vem beneficiando como de valores basicamente nacionais. (RIBEIRO, 2009, p.8)

A região Nordeste, rica em tradições e valores, é vista por Gilberto Freyre como uma parte do Brasil indispensável para a produção literária naquele período, onde o foco era mostrar o Brasil e seus verdadeiros atrativos. O nordeste tendo suas referidas riquezas expressas nas principais obras desse período, denominado regionalismo, veio a mostrar esse fascínio que o país tomou para si como nacional.

O nordeste e sua valorização são marcas bastantes presentes nas obras dos autores nordestinos que deram forma uma das fases mais significativas na produção literária do Brasil: o regionalismo de 30. Fazendo parte desse contexto se inscreve as obras objeto deste estudo.

As narrativas de *Mar Morto* e *Fogo Morto* há o predomínio do regional, que segundo Coutinho (2002, p. 301) é a tendência que se preocupa, sobretudo, com o registro da realidade simples, à custa da observação de problemas e costumes da vida social.

Em *Mar Morto*, tem-se o regional na condição de vida daquele povo que vive à beira mar, que depende daquele espaço para sobreviver, tem-se ainda a presença de um viés político- ideológico, em que a história é dita através do povo, a partir de seus relatos. Sobre essa questão política e ideológica Junior (s/d, p.1) afirma que:

Embora a postura política e ideológica que articula a narrativa leve a se contar a história a partir do povo, a partir das experiências dos homens do cais, o que se poderia considerar a escritura de uma história “vista de baixo”, antes mesmo de que esta expressão tenha sido cunhada pelo historiador marxista Edward Palmer Thompson, a história é reduzida aí ao feito dos heróis, daqueles que deixaram nome e fama, mesmo que seja nas páginas de simples ABCs ou nas canções.

Em *Fogo Morto*, o regional se mostra na temática de destaque: o declínio dos engenhos de cana-de-açúcar e todo seu processo de transição no interior do nordeste brasileiro. Presenciamos também a questão latifundiária e os conflitos geridos por essa questão. A obra aborda também questões psicológicas através das indagações sobre os destinos e consciências com relação às vivências humanas no espaço.

Com relação à obra de José Lins do Rego, Sobrinho e Neto (2001, p. 209) afirmam que sendo “um romance regional, é também transregional. Um romance que, sendo social e crítico, é também um romance psicológico e universal”.

3.2 – *Mar Morto*: a natureza que seiva

Em 1936, Jorge Amado lança *Mar Morto*, retratando a vida dos pescadores da Bahia e seu contato diário com a natureza que em dias de tempestades ceifa as vidas de muitos. É uma obra da segunda geração Modernista.

Mar Morto aborda a vida, os amores, as crenças e a paixão pelo mar dos pescadores do litoral da Bahia, cujas vidas estavam voltadas diretamente para o local governado pelo orixá mais respeitado e cultuado no litoral baiano, Iemanjá, a rainha do mar, na religião afro-brasileira denominada Candomblé.

Sua narrativa trata da história de amor e luta de Guma e Lívia, diferentes em pensamentos e visão da vida, porém unidos pelo amor e separados pelo mar. Nesta obra, tem-se o relato de histórias ouvidas dos velhos marinheiros, mestres de saveiros, pretos tatuados, ou seja, do povo que vivia do mar e para o mar. Jorge Amado põe em foco ainda as mazelas que o cais da Bahia possui através da prostituição, do contrabando, e da condição de vida das mulheres viúvas que perdem seus maridos nas noites de tempestades, entre outras.

Pode-se observar que o principal personagem, que define os rumos dos demais existentes no livro, é o mar. É ele que está presente na vida de todos os personagens que compõe a história, sendo o mar transformado em local de poesia, música, sentimento, sagrado para um povo que ama e se deixar escravizar (ou é escravizado) por esse espaço de mistério. O amor pelo mar é algo sempre expressado no romance de Jorge Amado, fazendo-se perceber pelas cantorias à beira do cais, enfatizando o quanto “é doce morrer no mar” (Amado, 2004, p.25), o quanto é belo finalizar a vida nos braços de Iemanjá. Talvez esse ícone sagrado do Candomblé seja o principal motivo e esperança do povo do cais.

O romance Jorgeano enfatiza também o sofrimento das mulheres do cais, muitas vezes na beira do mar a espera de seus maridos com receio de que chegassem mortos, levados por Iemanjá para as terras do sem fim. Gente essa que Jorge Amado volta seu olhar de carinho e incompreensão, ou seja, a partir dos personagens D. Dulce e Dr. Rodrigo, o autor externa sua reflexão com relação às vidas tão massacradas pelas injustiças presentes naquela região beira mar:

apesar de terem se mudado para o cais, apesar de terem dedicado suas vidas a tentarem ajudar aqueles homens e mulheres, aquelas crianças, não são capazes de compreendê-los, embora saibam, mais do que eles mesmos, o que deveriam fazer para mudarem suas vidas. (JUNIOR, s/d, p.5)

O romance termina com a morte de Guma, fazendo com que Lívia, sua mulher, assumo seu lugar no saveiro, ocupando um espaço voltado para o sexo masculino. Ela, a mulher, não abandonará o mar, local onde ocorreu a morte do seu marido, e que

agora, esse mesmo mar que levou seu marido lhe sustentará como sempre sustentou Guma e sua família.

3.2 – *Fogo Morto*: decadência e transição

Escrita por José Lins do Rego em 1943, essa obra fecha o ciclo de romances que o próprio autor intitula de “o ciclo da cana-de-açúcar”, sendo *Fogo Morto* considerada a maior produção desse período.

A obra, estruturada em capítulos, revela o processo de transição na produção da cana-de-açúcar, ou seja, o engenho dando lugar à usina, em um cenário marcado por personagens característicos do interior nordestino, no início do século XX.

Fogo Morto segue a linha regionalista. Segundo Ferreira e Apper (2002, p. 173) o próprio autor:

Lins do Rego deixa evidente, por meio de um discurso de forte oralidade, o seu apego à terra e à simplicidade do homem nordestino. Em fase às transformações que ocorrem na sociedade de um mundo em ruínas, decadente que se desfaz para prevalecer a máquina, ele retoma o caminho da memória e passa a criticar a realidade em questão: as diferenças sociais e a exploração.

Tendo como cenário a cidade de Pilar, zona da mata paraibana, a história se passa nas terras do engenho Santa Fé, dando ênfase desde seu apogeu até sua decadência. O romance é narrado em terceira pessoa. Nele se pode constatar a presença de um narrador onisciente que apresenta para o leitor as dúvidas, problemas e fantasias dos moradores daquele local.

Fogo Morto divide-se em três partes, cada parte referindo-se à vida e relacionamentos de três principais personagens: o mestre José Amaro, o coronel Lula de Holanda e Vitorino Carneiro da Cunha. Partes que se cruzam trazendo o contato desses personagens. Toda a história acontece em torno destes três personagens principais que se inter-relacionam.

Quanto às mulheres, personagens secundários, adquirem papel de destaque na obra, pois são elas que, diante das situações críticas enfrentadas pelos maridos, não temem em suas atitudes na defesa daquilo que elas acreditavam. Esse patamar de

elevação dos papéis femininos na obra se confirma com a morte de Zé Amaro, o único que foi abandonado pela sua esposa.

É interessante constatar que esses três principais personagens que pontuam características singulares (José Amaro, seleiro pobre; coronel Lula de Holanda, senhor de engenho; e Vitorino Carneiro, o “papa rabo”, herói quixotesco, defensor adoidado) estão diretamente em contato com mulheres que possuem uma grande importância em sua vida. De maneira especial, podemos destacar a sogra de Lula de Holanda, que por muito tempo segurou a administração do engenho não o deixando sucumbir como Lula acabou deixando. D. Mariquinha segurou a fazenda até a doença que lhe acometeu, afastando-lhe definitivamente.

Ao passo que tematiza o espaço do interior do nordeste, em período de decadência do açúcar com características típicas das riquezas e mazelas dessa região, José Lins do Rego também enfoca temas universais que mexem com o psicológico humano como a loucura, solidão e morte, presentes nos núcleos principais. A narrativa sugere que a decadência, e a conseqüente transição, dar-se não só com relação ao engenho do coronel Lula de Holanda, mas também é compartilhado pelos personagens que experienciam suas vidas se declinarem como o engenho do Santa Rosa.

4. A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM *MAR MORTO* E *FOGO MORTO*

4.1. A mulher Sob a ótica dos outros

A história mostra que a atuação da mulher na sociedade como sujeitos ativos aconteceu em um processo gradual. Elas foram ocupando seus espaços de forma silenciosa e muitas sem a necessária visão de emancipação do discurso machista, como veremos nas obras estudadas: *Mar Morto* e *Fogo Morto*.

Jorge Amado em *Mar Morto* apresenta a figura feminina sob vários modos, dentre estes verificamos a questão passiva/ativa em determinados ambientes onde se passam o enredo. Em uma de suas personagens, Jorge Amado a descaracteriza, tornando-a mais valente e mais “macho” que muitos homens na beira do cais. Rosa Palmeirão representa a mulher que deixa de ser um sujeito meramente passivo as ordens do homem para se tornar um ser livre em suas ações, defendidas como atos extremamente masculinos pelo universo patriarcal. A fala do velho Francisco vem caracterizá-la:

Rosa Palmeirão tem navalha na saia, tem brinco no ouvido e punhal no peito, não tem medo de rabo-de-arraia, Rosa Palmeirão tem corpo bem feito. Há! Não seria nada se ela não tivesse o corpo bem feito. Sua fama já viajou, corre mundo, todo marinheiro a conhece. (AMADO, 2004, p.53)

Rosa Palmeirão, vista por Francisco e tantos homens na beira do cais, é uma mulher valente que não se deixa persuadir pelo discurso vigente. Uma mulher que não deixa de lado seus laços femininos, sua delicadeza, em certos momentos, e sua vaidade reluzente em suas aparições sempre com uma beleza sedutora. Porém, isso tudo ao lado de um punhal e uma navalha transpassando respeito e medo por onde passa. Talvez Rosa Palmeirão viesse representar a voz de um feminino repassando o discurso emancipador da mulher nos diversos cais nos quais atracava.

Seu modo de ser, diferente das demais mulheres da beira do cais, chegava a assustar muitos homens:

Eles estavam espantados mas nenhum se moveu. Seu Godofredo virou-se para Rosa Palmeirão:

- Rosa, você é uma mulher, mas tem mais coragem que muitos homens. (AMADO, 2004, p.67)

Em *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, constatamos resistência à exaltação do papel ativo da mulher socialmente. A fala do personagem Lula de Holanda revela a resistência à mudança causada pela presença do sexo feminino no comando.

Via que o genro não seria o homem para botar as coisas para frente. Então D. Mariquinha do Santa Fé resolveu dar as ordens no seu engenho. Custara-lhe muito tomar aquela decisão. (...). E o Lula aborreceu-se. (REGO, 1976, p.175)

Na defesa de seu espaço, o homem (Lula de Holanda) esquece seu parentesco e toda a sua educação e se mostra indiferente perante toda aquela situação, demonstrando desprezo para com sua sogra que por ter atributos que ele não possui, acaba causando-lhe ainda mais raiva.

O personagem Lula de Holanda buscava, neste sentido, uma atitude mais passiva de sua sogra, pois para ele quem deveria ocupar o lugar do seu sogro no engenho não era ela e sim o próprio. Talvez ele desejasse que ela, D. Mariquinha, tivesse um comportamento parecido com as mulheres da beira do cais, em *Mar Morto*, que ficavam a esperar seus maridos vindos do mar, e quando acontecia dos mesmos falecerem, elas não tinham forças para lutar e acabavam sendo iscas para os destinos mais cruéis do cais:

Como pode viver uma mulher no cais sem marido? Umas lavam roupa para as famílias da cidade alta, outras se prostituem e bebem no Farol das Estrelas. São tristes umas e outras, tristes as lavadeiras que choram, tristes as prostitutas que riem entre copos e canções. (AMADO, 2004, p.175)

O ambiente em que essas mulheres vivem proporciona um despojamento completo de suas vidas aos ideais da vida de seus maridos, vidas que se dão por completo ao destino do outro e quando esse apoio se perde, com a morte de seus companheiros, ficam perdidas, sem forças para continuar, acabando jogadas nas esquinas frias das cidades. Neste contexto, as mulheres mais uma vez tendem a ser guiadas pelo discurso do homem, ou seja, discurso de dependência, e acabam não tendo outro meio a seguir, sem oportunidades, frágeis, reféns da situação vigente, de uma ideologia que beneficia os privilégios de uma categoria.

A passividade da mulher perante a presença do homem é fruto muitas das vezes das ideologias defendidas em sociedade. Segundo Lyra (1979, p. 41), ideologia é “um conjunto de ideias que orientam o comportamento do homem em seu percurso histórico”, ou em segundo plano temos ideologia como “um conjunto de princípios artificializados, destinado à justificação de privilégios mantidos sob pressão”. Tendo como base essas afirmações, constatamos o grande desafio que o discurso feminino enfrentou e ainda enfrenta para ir de encontro aos princípios machistas, princípios enraizados na nossa sociedade e perpassados por muitos séculos, até mesmo pelas próprias mulheres responsáveis pela educação direta dos homens, seus filhos.

Segundo Ferreira e Pessoa (1990, p.78), o homem, em defesa de sua ideologia, procurou convencer o outro sexo que:

“(...) a doutrina do ser inferior ao homem, intelectualmente, era celeste e, portanto devia consolar-se... Por outro préstimo, sem outra ocupação senão a de procrear, criar filhos e cozinhar...” E no nosso século, até estas últimas décadas, essa ainda é a história de muitas mulheres.

Na sociedade, a religião se mostrou como um dos principais meios para o enraizamento profundo da ideologia machista. Por muito tempo as mulheres se calaram diante de seu papel medíocre socialmente, e por respeito ficaram reféns ao discurso religioso que confirmava a força dos ideais machistas, tornando-os objetos que poderiam ser descartadas, caso contrariassem seus maridos.

Esse direcionamento à procriação, conseqüentemente ao casamento, gerando a entrega total da mulher de todos os seus sonhos e objetivos a um homem, é exposta em *Fogo Morto*. Na fala de José Amaro, quando o mesmo se dirige a condição de sua filha, tem-se caracterizado o perfil e o espaço da mulher:

Moça era para viver dentro de casa, dar-se a respeito. E Marta foi crescendo e não mudou de gênio. Botara na escola do Pilar, aprendeu a ler, tinha um bom talhe de letra, sabia o seu bordado, tirar o seu molde, coser um vestido. E não havia rapaz que parasse para puxar uma conversa (REGO, 1976, p.44)

Apesar de observarmos na fala de José Amaro a abertura da educação para a mulher, ainda se vê o direcionamento desta às vontades de um homem. A escola tinha o papel de proporcionar as mulheres apenas o pressuposto da aquisição do ler e escrever, jamais um pensar mais abrangente inclusive a respeito de sua condição.

Segundo Ferreira e Apper (2002, p. 171), “a imagem tradicional da mulher que rompe com suas vontades e anseios para satisfazer as normas da sociedade vigente está explicitada por meio da voz masculina” ao afirmar que:

Naquele instante Marta fora à beira do rio buscar água. A casa assim sem ela, só com o marido no trabalho, parecia-lhe vazia de tudo. Só a sua filha prendia-a ao mundo. Só ela ainda lhe dava coragem de viver. Tudo sofrera calada, como escrava, sem direito a levantar a voz, a dar uma opinião para resolver uma coisa. Às vezes tinha até inveja de sua comadre Adriana, fazendo tudo, dando ordens pela sua cabeça. Apesar de tudo, o compadre Vitorino era humano. Zeca não tinha coração, não tinha alma (REGO, 1976, p. 45)

Neste caso, constatamos o papel da mulher sendo completamente voltado para um clima de harmonia ao casamento, mesmo que de maneiras diversas, uma passividade e aceitação dos fatos que a aprisionam levando a um questionamento de sua própria condição naquela sociedade.

4.2 A mulher como sujeito ativo

Estudos dão conta que, no curso da história, a mulher esteve dentro dos grupos marginalizados da sociedade. As mulheres junto com os negros, homossexuais, imigrantes e outros agrupamentos minoritários não possuíam participação ativa no meio social de forma mais expressiva e reconhecida.

A esse posicionamento de castração da mulher em se desenvolver como ser ativo socialmente Beauvoir (1980, p.364) afirma que:

Neste sentido, há verdade no slongan que a condena a permanecer “uma eterna criança”; também se dizia dos operários, dos escravos negros, dos indígenas colonizados que eram “crianças grandes”, enquanto não os temeram; isso significa que deviam aceitar, sem discussão, verdades e leis que outros homens lhe propunham: O quinhão da mulher é a obediência e o respeito.

Contudo, as mulheres, apesar de todo um contexto que as levava a passividade, não ficaram omissas eternamente esperando que algo acontecesse para mudar a sua situação. A história de conquista dos ideais da mulher aconteceu pela luta incansável de mulheres que não concordavam com tanto desprezo e alienação por parte de uma

sociedade completamente machista. Mesmo em ambientes adversos, completamente induzido pelas gerências masculinas, as mulheres atuaram possibilitando, assim, mudanças no quadro de decadência.

A renúncia do sexo feminino em relação aos seus objetivos e sonhos para concretizar, ou mesmo cuidar, de seus homens é algo marcadamente visto na vida delas e para muitas essa condição servil faz parte de suas vidas, o contrário seria praticamente impossível de acontecer.

No contexto das obras estudadas, verifica-se que se de um lado elas se tornam sustento para evitar o declínio total de seus homens, por outro, as mulheres conseguem atingir autonomia, ou seja, por questões naturais as esposas acabaram assumindo o lugar de seus maridos impondo assim seu discurso em respectivos espaços, caracterizando-se em ilhas de independência feminina:

E assim tudo começou a depender das ordens de D. Mariquinha. Era a senhora de engenho que vendia açúcar aos cargueiros de Itabaiana. (...) Agora D. Mariquinha pouco saía para as missas do Pilar. Ali olhava para tudo, ordenava tudo. (REGO, 1976, p.158)

A personagem feminina do romance de José Lins do Rego, D. Mariquinha, torna-se a detentora do poder em um espaço machista. O engenho agora ficaria sob o comando de uma mulher, que assume em lugar de seu esposo doente, sendo forte o suficiente para evitar a prepotência de seu sogro Lula de Holanda, que almejava o cargo, quebrando a representação daquele posto.

Com uma nova representação ocupando o posto máximo do engenho, tendo uma mulher em seu comando, observa-se a passividade dada ao personagem Lula de Holanda, característica antes encontrada somente na mulher, ou seja, com o posto máximo ocupado por sua sogra, ele se torna um sujeito abaixo das decisões proferidas por D. Mariquinha, explicando-se, assim, a raiva que o mesmo sente ao presenciar aquele acontecimento.

Com a morte do esposo de D. Mariquinha, Lula tenta de todo jeito tomar a administração do engenho, porém a viúva não deixa isso acontecer, fazendo com que Lula de Holanda externasse seu ódio patriarcal por ver uma mulher ocupando um lugar que deveria ser seu por direito.

A morte do capitão deu na briga séria do genro com a sogra. Seu Lula fez exigências no inventário. (...) Seu Lula, porém, terminou dominando-a. E a

velha não cedeu. (...) O Santa Fé continuou no governo da sogra. (REGO, 1976, p.161-162)

O homem nunca se sentiu bem ocupando uma função passiva em relação ao sexo oposto. Obedecer a ordens de mulheres era vista, por muitos, como uma rejeição. Com relação a essa função passiva do homem, Vianna (1990, p.87) afirma:

Como historicamente o homem não se deixou definir pelo outro natural (o feminino), desde que a ordem patriarcal se constituiu sobre um evidente recalçamento, encarar a feminilidade, que a própria cultura dos homens obscureceu na sua realidade, tem sido o desafio maior ao mesmo tempo que uma demanda, absolutamente necessária à constituição da subjetividade.

Adentrar no espaço do homem tornando-se a dona se sua própria visão, sem seguir ordens estabelecidas, nem medo de expressar sua sexualidade ou mesmo sem temor de encarar a vida e derrubar os estereótipos da metódica patriarcal são ações presentes em algumas mulheres do romance *Mar Morto*.

Os saveiros saem. O filho de Lívia está em casa com os tios. Rosa Palmeirão botou a navalha na saia, o punhal no peito novamente. Parece um homem em cima do Pacote Voador. Mas Lívia é bem mulher (...). Aves marinhas (...) passam na cabeça de Lívia. Ela vai erecta e pensa que na outra viagem trará seu filho, o destino dele é o mar. (AMADO, 2004, p. 261)

Segundo Muniz (2008, p. 121), as mulheres “avançaram na crítica, questionaram os termos desse saber disciplinar que as excluía, explicitaram os procedimentos dessa exclusão e desnaturalizaram construções consolidadas” deixaram de serem completamente presas as visões machistas da sociedade e começaram a interferir de maneira ativa o que antes era completamente gerido pelo sexo masculino, mesmo que para isso tivesse que adquirir característica que até aquele período era comum ser encontrada em homens.

A referência à questão de uma igualdade dos gêneros se mostra presente nos romances em estudo, não só na representação de D. Mariquinha de *Fogo Morto*, mas está presente no desfecho da personagem Lívia em *Mar Morto*. Com a morte de seu esposo (Guma), Lívia toma o seu papel no mar, derrubando todo o estereótipo de mazelas que acometem à mulher que perde seu homem no cais. Lívia derruba o discurso de que o mar era um local exclusivamente machista, mostrando para a sociedade daquele espaço que a mulher é capaz de ser independente, de conseguir

sobreviver sem a presença de uma força masculina que lhe sustente, fazendo com que o mar se torne um espaço plural, onde se presencia a ação ativa dos dois sexos.

Ainda há muita coisa que doutor Rodrigo não compreende. Mas vê que aquela decisão de Livia de não se prostituir, de se entregar ao trabalho no mar, faz parte também do milagre que dona Dulce espera. Ele está se realizando. (AMADO, 2004, p. 256)

É válido observar que apesar da doença e da morte de seus homens serem uma das causas para o apoderamento da mulher aos diversos espaços, esses acontecimentos não seriam decisivos se não houvesse efetivamente vontade, coragem e decisão desse gênero em se impor, em mostrar sua contribuição para uma sociedade melhor não só para elas, mas para todos de maneira geral, diferentemente do que fez os homens durante bastante tempo.

A mulher acaba encontrando no afastamento do homem, por motivos já expostos, uma das formas de demonstrar que não são seres indefesos, submisso ao ser masculino. Com sua ação efetiva socialmente as mulheres desconstruíram o estereótipo da questão biológica, um dos modelos que fundamentaram o discurso patriarcal.

Sobre a questão biológica, Muniz (2008) intensifica a idéia de interiorização da mulher pelo binarismo naturalizado, ou seja, a questão física contribuiu para um prestígio do homem sobre a mulher na sociedade. Em *Fogo Morto*, observamos essa visão exposta na personagem Adriana quando se decidiu casar-se com Vitorino: “O seu marido dormia como um justo. Ela, que fora uma retirante da seca, que se casara sem amor, somente para fugir da miséria, só porque tivera um convite para fugir para longe” (REGO, 1976, P.280). Adriana, sozinha, não conseguiria se libertar daquele ambiente, precisaria de um homem para conseguir fugir daquele local, pois sua condição de mulher não possibilitaria sua libertação. Contudo, observamos esse binarismo se desfazer em *Mar Morto*, com a personagem Rosa Palmeirão, “ela traz navalha na saia, punhal no peito” (AMADO, 2004, p. 55) é uma lutadora, quebrando o estereótipo de mulher sujeitada ao homem.

As mulheres e sua luta em defesa do seu discurso, de seu papel ativo socialmente, entre outros objetivos tende a romper com uma cobrança que segundo Xavier (1990, p. 237) “está condicionada ao ‘destino de mulher’”, ou seja, destino ao

casamento, procriação, submissão ao homem. A quebra dessas teorias no decorrer da história tem se realizado, porém ainda são bastantes presentes.

4.3 A morte como quebra de paradigma

Um dos fatores que possibilitaram à mulher ocupar posições até então renegadas: foi a perda de seus homens. Com a morte do seu marido, a mulher, vista como mera gestora doméstica, acaba passando a fator ativo em sua casa, despertando ou fortalecendo suas pretensões em serem ativas em seu espaço de interação com a sociedade. Essa posição ativa da mulher fez com que surgisse um contraponto ao discurso machista, que defendia a mulher como seres incapazes de se impor em determinadas funções.

Com relação à morte, Oliveira (2009, p.8) afirma que:

a morte retira da existência toda a sua significação. Todavia, é necessário que o ser humano construa uma existência que tenha significado, edifique uma vida que valha a pena ser vivida, do contrário a morte ainda mais será absurda.

Evidentemente que as primeiras mulheres que tiveram uma maior ascensão com o afastamento mortal de seus maridos, deram-se pelo motivo desses homens constituírem uma representação de destaque na sociedade, sendo de classes de melhor condição financeira.

Em *Fogo Morto* é evidenciado esse prestígio de classes com relação ao papel ativo da mulher na sociedade. Neste, a viúva D. Mariquinha, que mesmo antes da morte de seu marido já o tinha perdido para a doença que o debilitou, assume o lugar de seu esposo, sendo vista e respeitada por todos, não deixando que seu sogro assumisse aquele posto:

Seu Lula, porém, não lhe dera ouvidos. Ele queria o que era de direito. O juiz não lhe deu direito nenhum. D. Mariquinha faria o que quisesse para Dr. Gouveia. O velho magistrado dava as suas sentenças conforme o seu direito. (REGO, 1976, p.162)

Ver-se, em um espaço onde o domínio machista imperava, a mulher, ainda que pelo afastamento do homem pela morte, adentrar em função da manutenção da

sobrevivência, sem deixar com que o preconceito e a ideia de exclusão em relação ao seu gênero viessem fazê-la desistir.

No caso da narrativa *Mar Morto*, a presença da mulher em um espaço completamente marcado pelo e mistério cria uma analogia com a força de uma divindade feminina que protege todo o oceano, que no candomblé é denominada de Iemanjá.

E não é ela que vai agora de pé no Pacote Voador? Não é ela? É ela, sim. É Iemanjá quem vai ali. E o velho Francisco grita para os outros do cais:
-- Vejam! Vejam! É Janaína.
Olharam e viram. Dona Dulce olhou também da janela da escola. Viu uma mulher forte que lutava. A luta era seu milagre. (AMADO, 2004, p. 261-262)

Em *Mar Morto*, a morte também é símbolo de mudança de atitude. Aspecto já anunciado na personagem Rosa Palmeirão, tomada por um novo revestimento após a morte do seu filho:

Quando ela soube que a criança nascera morta porque ele lhe dera aquela bebida amarga, que fora ele quem não a quisera viva, então ela virou outra, virou Rosa Palmeirão da navalha e punhal e o deixou morto junto ao violão. Tudo era falso nele, as suas cantigas, os seus olhares, seu modo suave de falar. (AMADO, 2004, p. 85)

A morte como mudança de visão e encorajamento para novas atitudes é representada em *Fogo Morto* pela personagem Sinhá, esposa de José Amaro, que ao ver a única filha sendo levada para um manicômio, sente-se sem motivação para continuar naquele casamento. Na visão de Sinhá era como se a filha na sua loucura sepultasse com ela o marido e aquele casamento sem amor.

Era ali que a sua mágoa mais o feria. Sabia que Sinhá não queria mais vê-lo. Aquilo de ir passar dias na casa da comadre era desculpa, vontade de viver separada de um marido que ela odiava. (REGO, 1976, p. 207)

Como podemos observar, tanto a morte física como a psicológica são pontos de destaque na narrativa. Ambas proporcionam mudanças que, dependendo do contexto, pode ser positiva ou negativa.

De fato, a morte não foi à causa fundamental para a quebra do “mal doméstico que aprisiona as mulheres em um processo repetitivo de luta pela sobrevivência”

(GEBARA, 1999, p.8), mas em muitos casos esse acontecimento natural contribuiu para a atuação efetiva das mulheres, começando a se libertar das amarras patriarcais.

4.4 A força feminina na busca de autonomia

O mar e o engenho de açúcar são os espaços de destaque nas obras analisadas. São nesses ambientes completamente machistas que se presenciavam os primeiros focos de uma ideologia do “segundo sexo”, da mulher, que por estarem em locais que a força física e a interação são bastantes presentes, tendem a ser renegadas, por serem consideradas frágeis, sensíveis, sendo por vezes profetizadas as condições de puro atrelamento ao homem. Apesar de esses espaços possuírem profundo poder patriarcal, as mulheres conseguem, em meio aos seus sofrimentos advindos dessa condição de abandono ou mesmo de sentimentos amorosos, perdas de entes queridos, entre outros, emancipar-se em contextos tão hostis, mesmo que isso se dê em funções específicas.

Os ambientes que são apresentados nas obras estudadas têm uma grande influência nas interações dos personagens. Em *Mar Morto*, a ambientação se configura no cais, a beira mar, nos trabalhos desse local e no mundo de Iemanjá (o mar) dos amores, de escravidão e liberdade:

Ainda não estavam acesas as luzes do cais, no Farol das Estrelas não brilhavam ainda as lâmpadas pobres que iluminavam os copos de cachaça. (...).

Pela face do homem que vinha pela estrada do mar, na terceira classe de um lugre que tocara em vinte portos diversos, a chuva se misturava com as lágrimas. (AMADO, 2004, p. 13-15)

Em *Fogo Morto*, essa ambientação se configura na calma do interior do nordeste “O capitão descera para a Várzea, (...) chegara ao Pilar para ser senhor de engenho” (REGO, 1976, p. 135-136).

A ascensão da mulher ocupando espaços apontados como masculinos dá-se em um contexto de certa negatividade para ela. Em *Mar Morto*, ver-se essa condição representada através de Lívia e Rosa Palmeirão:

Mestre Manuel vai abrindo o caminho, olha para trás para ver como Lívia se arranja. Rosa Palmeirão vai no leme. Lívia suspende as velas com suas mãos

de mulher. Seus cabelos voam, ela vai de pé. Alcança o viajante sem porto, mestre Manuel deixa que ela passe na frente, ele irá comboiando o Pacote Voador. (AMADO, 2004, p. 261)

As personagens Lívia e Rosa se revelam ativas, fazendo seus próprios destinos através da coragem e disposição em poder atuar em local completamente dominado pelos homens, e a partir dessa dominação, elas conquistam o seu sustento. O ponto de ênfase nesta atitude é o fato delas não se deixarem cair nas mazelas expostas às mulheres que perdiam seus companheiros no mar. Geralmente abandonadas e submissas: “triste as lavadeiras que choram, tristes as prostitutas que riem” (AMADO, 2004, p. 138).

Em *Fogo Morto*, essa ascensão da mulher acontece em meio às intrigas expostas pelo discurso vigente, discurso do homem cuja marca maior está em negar a força ativa feminina de uma forma positiva:

O Santa Fé não seria aquele da saúde do Capitão Tomás, mas ia andando com a energia da mulher de expediente de homem. Aquilo dera o que falar. Com um genro dentro de casa, a velha Mariquinha preferia ser o homem da família. (REGO, 1976, p.158)

Nas duas narrativas, podemos observar a mulher alcançando um patamar de sujeitas ativas em seu respectivo espaço. Lívia (*Mar Morto*) e D.Mariquinha (*Fogo Morto*) são mulheres que conseguem se sobressair pelo fato de seus homens, por motivo de doença ou morte, não estarem mais de maneira ativa em cena. Mesmo assim, elas demonstram possuir competência para gerir, embora só revelem isso quando o homem se torna incapacitado para administrar o objeto.

Estudos mostram que a morte do homem contribui em muitos casos para a elevação da mulher socialmente. Neste sentido, tem-se o exemplo das guerras enquanto um dos fatores cruciais para a mulher assumir um posto exclusivamente masculino. Outro caso a ser citado é o campo da política, segundo Scott (1995, p.10) a política, domínio extremamente machista, “estabelece a sua importância decisiva e seu poder público, as razões de ser e a realidade da existência de sua autoridade superior, precisamente graças à exclusão das mulheres do seu funcionamento”, ou seja, as mulheres eram excluídas desse cenário, pois o pulso forte capaz de gerir seria o masculino, mas sem a presença das mesmas nas guerras, onde a questão política dominava, elas acabariam substituindo os homens nos afazeres deixados por eles em seus respectivos espaços.

A questão da morte, como já mencionado, contribuiu para que a mulher pudesse participar ativamente no meio social. Chama a atenção, neste caso, os nomes das obras literárias analisadas, *Mar Morto* e *Fogo Morto*, pontuando já no título o termo “*Morto*”.

Em *Mar Morto*, a morte parece ser uma ameaça constante na vida daquelas pessoas presas aos destinos do mar, em vidas agitadas pelas tempestades, pelo medo da perda, da morte:

Os homens na beira do cais só têm uma estrada na vida: a estrada do mar. Por ela entram, que seu destino é esse. O mar é o dono de todos eles. (...) Quem já decifrou o mistério do mar? Do mar vem a música, vem o amor e vem a morte. E não é sobre o mar que a lua é mais bela? O mar é instável. (AMADO, 2004, p. 21)

Em *Fogo Morto*, a decadência dos engenhos de açúcar é a questão vigente, em uma trama em que o declínio do ser humano, suas mazelas e sua força de superação também são marcas presentes:

Agora viam o bueiro do Santa Fé. Um galho de jitirana subia por ele. Flores azuis cobriam-lhe a boca suja.
- E o Santa Fé quando bota, Passarinho?
- Capitão, não bota mais, está de fogo morto. (REGO, 1976, p. 290)

Com efeito, o “*Morto*” vem exprimir mudança, transformação e, às vezes, esperança de uma vida melhor livre das amarras que prendem ao passado opressor.

Para a Livia (*Mar Morto*), D.Mariquinha (*Fogo Morto*) e as mulheres daquele cais e engenho, talvez o “*Morto*” viesse representar toda aquela escravidão de vida, atrelada a um espaço completamente machista e gerador de práticas excludentes. Contudo, é exatamente nestes contextos, das duas obras analisadas, que a morte acaba possibilitando uma certa ascensão da mulher. E, especificamente em *Fogo Morto*, também pontua a revolta do próprio homem com relação a essa elevação sobre um espaço que seria seu por direito. Em *Fogo Morto*, nota-se um contexto estabelecido em função da manutenção do poder masculino. Porém, é exatamente pelas mãos de um homem, neste caso Lula de Holanda, que esta ordem é quebrada, uma vez que o próprio não possui requisitos que o consolidassem no posto. Com a posse de D.Mariquinha, percebe-se uma crise no discurso que defendia a mulher como uma mera coadjuvante na história, deixando o homem como ser passivo nesse processo:

Via que o genro não seria o homem para botar as coisas para frente. Então D. Mariquinha do Santa Fé resolveu dar as ordens no seu engenho. Custara-lhe muito tomar aquela decisão. Era urgente. Ela bem vira no decorrer da safra que o genro não acudia às necessidades do engenho. (REGO, 1976, p.157)

A mulher começa a se posicionar, e mesmo sem consciência da relevância dos seus atos, acaba provocando uma luta ideológica cujo resultado é a construção de um novo cenário onde esta é posta como um ser ativo socialmente, construindo assim uma luta pela liberdade. O discurso da mulher começa a vencer todo aquele idealismo de passividade, de controle, e passa a conquistar uma representação de poder dentro desse processo.

Com relação a isso Beauvoir (1980, p.393) afirma que:

“é o único caminho aberto aos que não têm a possibilidade de construir o que quer que seja; cumpre-lhes recusar os limites de sua situação e procurar abrir para si os caminhos do futuro; a resignação não passa de uma demissão e de uma fuga; não há, para a mulher, outra saída senão a de trabalhar pela sua liberdade”

Podemos dizer que a mulher posta nesta condição de ser, em ambas as narrativas, vem representar apenas uma conquista de uma liberdade que muito ainda tem por ser feito para ser justa. Com relação a isso Foucault (2009, p.67) afirma que “Estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso e, quem sabe, não estejamos indo nessa direção”.

Tanto em *Mar Morto* como em *Fogo Morto* observamos mulheres que conseguiram vencer aqueles ambientes de escravidão para o sexo feminino, mulheres que mesmo sofrendo o preconceito e a incompreensão dos homens daquele cais e engenho, não deixaram de efetivar suas vontades e interesses em busca de proteção de seus familiares e conseqüentemente seus bens. Em *Mar Morto*, observamos esse interesse concretizado na decisão de Lívia em assumir a posição de seu marido, gerindo aquele espaço como seu amado sempre geriu vencendo esteriótipos e tornando-se uma mulher detentora de sua própria visão de mundo.

Lívia olha o Pacote Voador e sente um grande amor por ele. Vendê-lo era como vender seu corpo. E eles eram coisas de Guma, ela não podia vendê-lo.
Rodolfo volta para Lívia:
- Ele tá perguntando se tu topa uma viagem para Itaparica amanhã. Ele tem muita carga pra lá...

- Tá certo.

Os saveiros balançam sobre a água quase sem ondas. (AMADO, 2004, p.256)

As mulheres analisadas nas obras conseguem, sem mesmo compreender as abordagens de Beauvoir (1980), conquistar a liberdade que é colocada para ela como principal bandeira para a conquista de seus espaços.

Em *Fogo Morto* o ápice dessa liberdade tão desejada ao discurso feminino é conquistado através da administração da senhora do engenho, D. Mariquinha, que se tornou, com a conseqüente morte de seu esposo, a dona e administradora daquele espaço atingido um local inimaginado para as mulheres daquele período, possibilitado graças a sua posição social, contribuindo para essa elevação bastante incomum naquele período: “D. Mariquinha preferiria ser o homem da família” (REGO, 1976, p.158).

A história dar conta de que as conquistas que as mulheres obtiveram nesse longo percurso de dominação machista foram fundamentais para a autonomia da mulher em várias áreas da nossa sociedade. O discurso da fraternidade entre os gêneros foi uma bandeira que até hoje é defendida pela mulher, de oportunidades iguais para os dois gêneros. Sabemos que ainda faltam muitas barreiras para essa fraternidade acontecer, mas se pode verificar as conquistas que o discurso feminino conseguiu através desse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discutiu a respeito da influência dos discursos dos gêneros na manutenção e conquista do poder. Através das exposições teóricas podemos compreender o quanto o homem se beneficiou de ideologias fundamentadas na religião e na questão biológica para manifestar sua posição de domínio em relação à mulher. Sobressair desta condição de opressão machista, em que a mulher era vista como mera serva, somente vem acontecer a partir do momento que esta passa a atuar e, conseqüentemente, refletir sobre seu papel na sociedade, observando aquele contexto de negação de si em função da obediência e servidão ao macho.

Um dos aspectos que muito bem exemplifica que a mulher veio, aos poucos, se libertando da condição de passividade é quando a esta começa a ocupar espaços predominantemente masculinos.

No que se refere às obras estudadas, *Mar Morto* e *Fogo Morto*, presenciou-se à força feminina de caráter emancipador em suas personagens, que se entregaram aos ambientes masculinizados, gerindo-os em perfeita condição. Para isso, presenciamos o abandono, a doença e a morte como fatores essenciais a oferecer às mulheres as condições necessárias para assumirem postos masculinos e começam a gerir com eficiência todo aquele espaço patriarcal.

A mulher se revela como um ser igual ao homem, tendo força e competência igual ou até superior, transformando-se em sujeitas ativas socialmente.

É no mar e na lida no engenho que essas mulheres possibilitaram desconstruir estereótipos, quebraram paradigmas da visão machista de impotência em certos espaços pela sua condição de fragilidade, biologicamente considerada inferior ao homem, e construíram um discurso de igualdade dos sexos em todos os espaços sociais.

Evidentemente, que o novo perfil ativo que surge não apaga por completo o grande percurso em que se predominou o poder machista. Porém, do ponto de vista histórico-social, verificamos que esse acordar da mulher vem lhe proporcionando conquistas que se consolidaram a partir da sua busca incansável pelo cancelamento das amarras naturalizadas da visão machista. Assim, compreendendo que a literatura também ensina, nestas páginas de narrativas modernas, o leitor pode encontrar a

narração de experiências singulares de atividade feminina que ao mesmo tempo são expressão de uma coletividade.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Mar morto**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**; tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria C. L. (orgs.). **Mulher e relações de gêneros**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- COUTINHO, Afranio. **Introdução à literatura no Brasil**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade** . São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- DÉPÊCHE, Marie-France. Relações hiperbólicas da violência da linguagem patriarcal e o corpo feminino. In: STEVENS, C.M.T.; SWAIN, T.N.(orgs.). **A construção dos corpos: perspectivas feministas**. Florianópolis: Mulheres, 2008.
- FERREIRA, Diana Maria Martins. **Discurso Feminismo e Identidade Social**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 19ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- GEBARA, Ivone. **500 anos e o discurso sobre o mal feminino**.
- GUILLAUMIN, C. **Question de différence. Questions feministes**. 6 ed. Paris: Tierce. 1979
- LEAL, José Carlos. **A maldição da mulher**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1995.
- LYRA, Pedro. **Literatura e ideologia**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Sobre gênero, sexualidade e O Segredo de Brokeback Mountain: uma história de aprisionamentos**. In: GOTLIB, Nádía Battella (Org.). **A mulher na literatura**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.
- PORTELLA, Eduardo. Et Al. **O romance de 30 no nordeste**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, Proed 1983.
- REGO, José Lins do. **Fogo morto**. 16 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1976.
- SOBRINHO, Pedro V. C. S.; NETO, Nelson F. P. Neto (orgs.). **Vozes do Nordeste**. Natal: EDUFRN, 2001.
- VIANA, Lúcia Helena de O. **Masculino e feminino: papéis em jogo em São Bernardo**. In: GOTLIB, Nádía Battella (Org.). **A mulher na literatura**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

XAVIER, Elódia. **Por uma teoria do discurso feminino**. In: GOTLIB, Nádya Battella (Org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

RÜB, Natacha A. C. de Castro. **A ética e a estética da dor: um olhar para fogo morto, de José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: UFRJ/CLA, 2009. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2009/natasharub_aeticaeestetica.pdf. Acesso, 25 de agosto de 2011.

RIBEIRO, Carla Maria Correia Campos Francisco. **O Amargo Sabor do Açúcar: personagens femininas em Fogo Morto, de José Lins do Rego**. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1708/1/21659_ulfl071877_tm.pdf. Acesso, 25 de agosto de 2011.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **O Nordeste das tempestades: história e etnografia dos espaços no livro Mar Morto de Jorge Amado**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/nordeste_tempestades_amado.pdf. Acesso, em 14 de setembro de 2011.

OLIVEIRA, Manuel M. de. **A morte: plenitude e nadificação**. Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <http://www.catolicaonline.com.br/poros>. Acesso, em 10 de novembro de 2011.

FERREIRA, Flávia Regina Pithan; APPER, Marta Lia Genro. **A ideologia e o aspecto social em Fogo Morto**. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/36/ALC/2002/ideologia.pdf>. Acesso, em 20 de novembro de 2011.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves; PESSOA, M. N. M. O discurso feminino possível. In: GOTLIB, Nádya Batella (org.). **A mulher na literatura**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

SCOOT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Disponível em: http://posterous.com/getfile/files.posterous.com/musadesastrada/toXBpEzMR4ocbyWRR174eqvUfFBTx8Td8p1XgBIPD4hRvo0XSzHHWTKLry99/Joan_Scott_Genero.pdf. Acesso, 25 de novembro de 2011.